

DIANE CHAMBERLAIN

O novo romance da autora de *O Segredo da Minha Irmã*

A photograph of a cracked mirror with a ballerina figurine in the foreground. The mirror is framed in a light-colored wood and shows a distorted, cracked reflection of a ballerina. The ballerina figurine is orange and gold, with a white tutu. The background is a soft, out-of-focus green and white, suggesting a snowy or misty scene. The entire scene is set against a dark red, textured background.

E quando a mentira
se torna o espelho da verdade?

A Derradeira Ilusão

TOP
SEL
LER

San Diego

Sou uma boa mentirosa.

Este facto confortava-me enquanto estava sentada ao lado do Aidan no nosso sofá de canto em pele, tão próximos um do outro que as coxas se tocavam. Questionei-me se estaríamos demasiado próximos. Sentada na outra extremidade do sofá, Patti, a assistente social, escreveu qualquer coisa no bloco de notas e a cada movimento da caneta, temi que as suas palavras nos pudessem custar o nosso bebé. Imaginei que escrevesse *O casal parece depender entre si a um nível pouco saudável*. Como se pressentisse o meu nervosismo, o Aidan pegou-me na mão, apertando-a contra a palma quente da sua. Como podia estar tão calmo?

— Têm ambos 38 anos, não é verdade? — perguntou a Patti.

Assentimos com a cabeça em simultâneo.

A Patti não era de todo como a imaginara. Mentalmente chamara-lhe «Patti Emproada». Esperara uma pessoa severa, mais velha, crítica. Era assistente social licenciada, mas não podia ter mais do que 25 anos. Usava o cabelo louro num rabo de cavalo, os olhos azuis eram enormes e as pestanas pareciam saídas de um anúncio da *Vogue*. O sorriso era fácil e a disposição alegre. Contudo, a «Patti Emproada» detinha o nosso futuro nas mãos e independentemente da juventude e encanto descontraído, intimidava-me.

A Patti levantou os olhos das anotações.

— Como é que vocês se conheceram? — questionou.

— Foi numa conferência de Direito — respondi. — Em 2003.

— Para mim foi amor à primeira vista — comentou o Aidan. Sei que o dizia com intenção. Já mo dissera vezes sem conta. *Foram as tuas sardas*, costumava dizer, encostando o dedo à cana do meu nariz. Naquele momento, sentia o seu olhar caloroso pousado sobre mim.

— Demo-nos bem logo desde o início. — Sorri para o Aidan, recordando a primeira vez em que o vi. A conferência era sobre leis de imigração e o Aidan viria a especializar-se mais tarde nesta área. Naquele dia, chegara atrasado, com a mochila pendurada num dos ombros, o capacete da bicicleta a baloiçar na mão e o cabelo louro espetado em todas as direções possíveis. Vinha ofegante e com uma t-shirt cinzenta humedecida pela transpiração. A orientadora da conferência, uma mulher de ar carrancudo com o cabelo preto, curto e muito direito, olhou para ele furiosamente, mas o Aidan dirigiu-lhe aquele seu sorriso encantador e, por detrás dos óculos, fez uma expressão de desculpa com os grandes olhos castanhos. O sorriso dizia «sei que cheguei atrasado e lamento muito, mas vai ficar feliz por me ter na sua conferência». Vi-a derreter-se com ele e as feições suavizaram-se enquanto lhe indicou uma cadeira vazia, mesmo no centro da sala, com um aceno de cabeça. Naquela altura, a minha alma estava em frangalhos. Renunciara aos homens há alguns anos, depois do dilacerante fim de noivado com o meu namorado de longa data, Jordan, mas soube no mesmo instante que queria conhecer aquele homem em especial, o Aidan James. Aproveitei o intervalo e apresentei-me. Sentia-me enfeitiçada. O Aidan era divertido, sensual e inteligente, o que constituía uma combinação irresistível. Continuo sem conseguir resistir-lhe, 11 anos depois.

— Trabalha com Direito de Imigração, não é verdade? — A Patti olhou para o Aidan.

— Sim. Neste momento leciono na Universidade de San Diego.

— E a senhora trabalha com Direito Familiar? — Olhou para mim e assenti com a cabeça.

— Quanto tempo namoraram antes de casarem? — perguntou.

— Cerca de um ano — respondeu o Aidan. Foram apenas oito meses, mas sabia que um ano soava melhor.

— Tentaram ter filhos logo a seguir?

— Não — respondi. — Primeiro quisemos concentrar-nos um pouco na carreira. Só quando começámos a tentar, percebemos que tínhamos problemas.

— E por que motivo não podem ter filhos biológicos?

— Bem, inicialmente julgávamos apenas que não conseguíamos engravidar —, explicou o Aidan. — Tentámos durante dois anos antes de consultarmos um especialista.

Lembrava-me bem daqueles dois anos. Chorei de cada vez que o período me aparecia. De todas as vezes.

— Quando consegui engravidar finalmente — continuei, — perdi o meu bebé às 20 semanas e fui obrigada a fazer uma histerectomia. — As palavras soavam secas ao sair da minha boca, sem denunciarem a menor ponta de agonia que se escondia atrás delas. Perdemos a nossa filha, Sara. Perdemos os nossos sonhos.

— Lamento imenso — disse a Patti.

— Foi um pesadelo — acrescentou o Aidan.

— Como lidaram com o sucedido?

— Conversámos muito — respondi. O Aidan continuava a segurar-me na mão e apertei a dele. — Também contámos algumas vezes com um terapeuta, mas falámos principalmente entre nós.

— É dessa forma que resolvemos tudo — referiu o Aidan. — Cá em casa não deixamos nada por dizer e somos ambos bons ouvintes. Quando as pessoas se amam, é fácil ser assim.

Achei que estava a exagerar um pouco, mas sabia que o Aidan acreditava estar a dizer a verdade. Congratulávamo-nos frequentemente pela forma como comunicávamos dentro da relação e por norma fazíamos um excelente trabalho. Mas naquele instante, com as minhas mentiras instaladas entre nós, contorci-me ao ouvir as palavras do meu marido.

— Sente alguma raiva por ter perdido o bebé? — A Patti dirigiu-me a pergunta.

Pensei no que acontecera há um ano. Na cirurgia de emergência. No fim de qualquer possibilidade de ter outro filho. Não me lembrava de sentir raiva.

— Acho que estava demasiado devastada para sentir raiva — respondi.

— Reorganizámo-nos — acrescentou o Aidan. — Quando conseguimos pensar novamente com clareza, percebemos que queríamos... e ainda queremos... uma família, por isso começámos a pesquisar sobre a adoção restrita. — Pela forma como falava, parecia que a decisão de adotar fora fácil. Talvez tivesse sido, para ele.

— E porquê adoção *restrita*? — interrogou a Patti.

— Porque não queremos ter segredos para com o nosso futuro filho — respondi, talvez um pouco agressiva de mais, mas era uma questão que me dizia muito. Sabia tudo sobre segredos e o mal que podiam fazer a uma criança. — Não queremos que ele — ou ela — se questione sobre

os pais biológicos e por que motivo foi dado para adoção. — Parecia tão forte e firme a falar assim, mas, por dentro, o meu estômago estava num emaranhado de nós. O Aidan e eu não concordávamos inteiramente nos detalhes da nossa adoção restrita.

— Estão dispostos a fazer atualizações aos pais biológicos do vosso filho? A partilhar fotografias? Talvez até a permitir que o vosso filho desenvolva uma relação com eles, se for esse o desejo dos pais biológicos?

— Certamente — respondeu o Aidan e concordei com ele. Não era o momento para falar das minhas reservas. Embora já sentisse amor pelas pessoas sem rosto nem nome que nos entregariam o seu filho, não sabia até que ponto queria incluí-las nas nossas vidas.

A Patti mexeu-se no lugar e puxou suavemente o rabo de cavalo.

— Como descreveriam o vosso estilo de vida? — perguntou, numa súbita mudança de assunto. Tive de abanar a cabeça para a limpar da imagem dos generosos pais biológicos. — Como se encaixará uma criança na vossa vida? — acrescentou.

— Ora bem, neste momento trabalhamos os dois a tempo inteiro — respondeu o Aidan —, mas a Molly pode passar facilmente a tempo parcial.

— E se recebermos um bebé, posso tirar seis semanas de licença.

— *Quando* recebermos um bebé. — O Aidan apertou-me a mão. — Sê otimista.

Sorri-lhe. Para ser sincera, não me importava de deixar de trabalhar por completo. Sentia-me cansada de tanto divórcio. Quanto mais tempo exercia a minha profissão, menos gostava dela. Mas era assunto para outra ocasião.

— Somos bastante ativos — disse à Patti. — Fazemos caminhadas, acampamos, andamos de bicicleta. Durante o verão, passamos muito tempo na praia. E ambos praticamos surf.

— Seria divertido partilhar todas essas atividades com uma criança — acrescentou o Aidan. Imaginei sentir o entusiasmo dele, nos pontos em que as nossas mãos se uniam.

A Patti virou a página do bloco de notas.

— Falem-me das vossas famílias — pediu. — Como foram criados? Como os vossos familiares encaram a decisão de adotar?

É aqui que a entrevista vai desabar, pensei. É aqui que começam as minhas mentiras. Fiquei aliviada quando o Aidan respondeu primeiro.

— A minha família está plenamente de acordo — disse. — Cresci aqui em San Diego. O meu pai também é advogado.

— Os advogados aqui crescem como cogumelos. — A Patti sorriu.

— Bem, a minha mãe é professora aposentada e a minha irmã, Laurie, é *chef* de cozinha — referiu o Aidan. — Já andam a comprar coisas para o bebé. — A família dele parecia perfeita. *Era* perfeita. Adorava-os — o pai brilhante, a mãe gentil e a irmã, criativa e meiga com os dois filhos gémeos. Com os anos, tornaram-se na minha família também.

— Como descreveria o estilo de parentalidade dos seus pais? — perguntou a Patti ao Aidan.

— Descontraído — respondeu e até o corpo pareceu relaxar quando falou. — Eles transmitiram-nos bons valores e sempre nos encorajaram, a mim e à Laurie, a tomar as nossas próprias decisões. Saímos bastante bem.

— Como vos disciplinavam?

— Retiravam-nos os privilégios, principalmente — respondeu o Aidan. — Nunca nos deram castigos físicos. Eu jamais seria capaz de bater numa criança.

— E quanto à disciplina na sua família, Molly? — questionou a Patti e pensei, *Graças a Deus*, porque passou por cima da parte, «então, fale-me lá da sua família».

— Tudo era conversado até à exaustão. — Sorri. — O meu pai era psicólogo e se eu fizesse alguma coisa errada, tínhamos de falar sobre isso. — Em certas ocasiões preferia ter levado uma palmada.

— A sua mãe também trabalhava fora de casa? — interrogou a Patti.

— Era farmacêutica — respondi. Tanto quanto sabia, *ainda* podia ser farmacêutica. A Nora devia ter agora 60 e poucos anos, ou talvez mais.

— Os seus pais também são daqui? — continuou a Patti.

— Não. Eles já morreram —, respondi e era a primeira mentira de verdade que saía da minha boca durante aquela entrevista. Pressentia que não seria a última.

— Oh, lamento — afirmou a Patti. — E quanto a irmãos?

— Não tenho irmãos — respondi, feliz por poder dizer a verdade. — E cresci na Carolina do Norte, por isso não vejo a minha família alargada com frequência. — Ou nunca. A única pessoa com quem mantinha o contacto era com a minha prima Dani, e mesmo assim, era

mínimo. Ao meu lado, senti que o Aidan ficou ligeiramente tenso. Sabia que aquele era um território perigoso. Embora não soubesse exatamente quão perigoso.

— Muito bem, vamos então falar de saúde — disse a Patti. — Que idade tinham os seus pais quando morreram, Molly? E morreram de quê? Hesitei.

— Que importância tem isso? — Tentei manter a voz num tom amigável. — Quero dizer, se tivéssemos os nossos próprios filhos, ninguém nos ia perguntar se...

— Querida — o Aidan interrompeu-me. — É importante porque...

— Bem, pareceu-me que os seus pais morreram relativamente jovens — foi a vez de a Patti interromper, mas a sua voz era meiga. — Isso não vos exclui enquanto candidatos à adoção, mas se eles sofriam de doenças hereditárias, os pais biológicos deviam ter acesso a essa informação.

Larguei a mão do Aidan e pousei as palmas suadas em cima da saia.

— O meu pai sofria de esclerose múltipla — respondi. — E a minha mãe teve cancro da mama. — Quem me dera nunca ter contado aquela mentira em particular ao Aidan. Podia causar-nos problemas agora. — Mas comigo não há qualquer problema — apressei-me a acrescentar. — Fiz os testes ao... — Hesitei novamente. Como se chamava o gene? Se a minha mãe tivesse de facto morrido com cancro da mama, a sigla devia estar-me na ponta da língua.

— BRCA — completou a Patti.

— Exatamente. — Sorri. — Estou ótima.

— Nenhum de nós tem quaisquer problemas crónicos — informou o Aidan.

— Qual é a vossa opinião sobre a vacinação?

— Venha ela — respondeu o Aidan e concordei.

— Eu sinto dificuldade em entender as pessoas que não protegem os filhos quando podem fazê-lo — acrescentei, contente por já nos termos desviado da minha família.

O resto da entrevista decorreu suavemente, pelo menos do meu ponto de vista. Quando a Patti fechou finalmente o bloco de notas, anunciou que gostaria de ver o resto da casa e o jardim. O Aidan e eu passáramos a manhã a aspirar e a limpar o pó, por isso estávamos preparados. Mostrámos-lhe o quarto onde ficaria o berçário. As paredes eram de um branco estéril e o chão de madeira ainda estava vazio, mas encostado

a uma parede havia um lindo berço de mogno. Os pais do Aidan ofereceram-no quando estava grávida da Sara. A outra peça de mobiliário do quarto era uma estante branca que enchera com os meus livros infantis favoritos. Eu e o Aidan não fizéramos mais nada no quarto para o preparar para a nossa filha, e ainda bem. Nunca lá entrava. Magoava-me demasiado olhar para o berço e recordar a alegria que senti enquanto procurava aqueles livros. Mas agora, com a Patti ao meu lado, atrevia-me a sentir esperança e imaginava o quarto pintado de um tom suave de amarelo. Via uma cadeira de baloiço no canto. Uma mesa para mudar a fralda perto da janela. Sentia um formigueiro nos braços, numa ansiedade que era desconfortável.

Depois de lhe mostrarmos os quartos, fomos para a rua. Vivíamos numa casa branca de dois andares, de estilo espanhol, em Kensington, uma das zonas mais antigas de San Diego e o bairro bem cuidado resplandecia com a luz brilhante do sol. O nosso jardim era pequeno, mas tinha duas laranjeiras, um limoeiro e um pequeno baloiço — mais um presente prematuro dos pais do Aidan. Enquanto explorava o pequeno jardim, a Patti proferiu a palavra *maravilhoso* pelo menos cinco vezes. O Aidan e eu sorrimos um para o outro. Isto vai mesmo acontecer, pensei. Íamos ser aprovados como potenciais pais adotivos. Um qualquer casal de pais biológicos ia escolher-nos para criarmos o seu filho. Esta ideia deixava-me entusiasmada, mas ao mesmo tempo aterrorizada.

Quando entrou no carro, no caminho de acesso a casa, a Patti acenou-nos. O Aidan pôs o braço em volta do meu corpo e sorrimos ao vê-la afastar-se.

— Acho que passámos com distinção — comentou o Aidan. — Ele apertou-me o ombro e deu-me um beijo no rosto.

— Também acho que sim — concordei. Inspirei profundamente e senti que estivera a tarde inteira a suster a respiração. Virei-me para o Aidan e pus os braços em volta do pescoço dele. — Este fim de semana vamos tratar do nosso portefólio, está bem? — perguntei. Até então, tivéramos medo de dar aquele passo, de reunir as fotografias e informações necessárias e constatar depois que chumbáramos na avaliação inicial.

— Está bem. — Beijou-me os lábios e um dos vizinhos buzinou ao passar por nós. Rimo-nos e o Aidan beijou-me outra vez.

Recordava-me de ter pensado se a nossa filha ia herdar os olhos castanhos dele ou os meus azuis. A sua constituição musculada ou os meus

braços e pernas esguios e compridos. A natureza descontraída dele ou a minha melancolia ocasional. Agora, o nosso filho não teria nenhuma destas características — pelo menos não através de nós — e dizia para mim mesma que não importava. O Aidan e eu tínhamos amor a mais para duas pessoas apenas. Às vezes sentia que reventávamos de tanto amor. Ao mesmo tempo, rezava para ser capaz de estender esse amor a uma criança que não carregara no ventre. À qual não dera à luz. O que se passava comigo para ter sempre tantas dúvidas?



Naquela noite, o Aidan adormeceu primeiro do que eu e fiquei ali deitada ao lado dele a pensar na entrevista com a Patti. Tranquilei-me, afirmando que não havia nela nada que pudesse voltar para me atormentar. A Patti não ia procurar o obituário da minha mãe. Estávamos em segurança.

As mentiras que tinha contado ao Aidan quando começámos a namorar — sobre a minha mãe já morta e o seu cancro da mama, sobre a distância da restante família — foram aceites sem qualquer reserva e ficaram assim guardadas. Ele sabia que falava a sério quando lhe disse que enterrara o passado no dia em que deixei a Carolina do Norte, aos 18 anos. Nunca revisitávamos estas mentiras. Até àquele dia, não houvera necessidade. Esperava que a entrevista com a Patti também fosse a última ocasião em que o fazia. Queria avançar com a minha vida. Precisávamos de criar a nossa própria família, saudável, feliz, sã e cheia de amor.

Pensei na «comunicação franca» que o Aidan descrevera à Patti. Na nossa relação honesta. Às vezes sentia-me culpada por lhe ocultar tantas coisas sobre o meu passado, mas a verdade é que não sei honestamente se ele gostaria de o conhecer. Tento imaginar-me a contar-lhe: *A minha mãe matou o meu pai*. Dissera estas palavras uma vez e paguei um preço muito alto. Jamais voltaria a afirmá-las em voz alta.

Morrison Ridge
Swannanoa, Carolina do Norte

O papá estava sentado à minha frente na cadeira de rodas, na pequena mesa da casa do riacho, com um raio de sol a incidir no cabelo escuro e grosso.

— Olha ali — chamou-me, inclinando a cabeça na direção da janela, e virei-me para ver uma libélula do lado de dentro do vidro. Mesmo no meio do vidro ondulado, parecia ter sido pintada com um pincel muito fino.

Levantei-me para a observar melhor.

— É uma lais verde comum — comentei, embora não tivesse a certeza. — Ontem à noite também estava uma no meu quarto — acrescentei quando voltei a sentar-me. — Julgo que podia ser uma libélula *dragonhunter*.

O papá fez uma expressão divertida.

— Dizes isso apenas porque gostas da sonoridade da palavra.

— É verdade. Mas era bonita, fosse lá o que fosse. — Esquecera-me de muito do que aprendera no verão anterior, quando tinha 13 anos e gostava tanto de insetos que julgava que quando crescesse ia ser entomologista. Mas naquele verão nada parecia estar inteiramente bem. Num instante queria andar de bicicleta a toda a velocidade pelas estradas íngremes de terra de Morrison Ridge. No instante seguinte ocupava-me a fazer a depilação nas pernas e a aparar as sobrancelhas com uma pinça. A própria natureza parecia confusa naquele verão nas montanhas dos arredores de Swannanoa, na Carolina do Norte, onde vivíamos. O loureiro tentava florescer novamente, embora estivéssemos em julho, e as libélulas andavam por toda a parte. Era sempre muito cuidadosa quando tocava no corrimão do alpendre ou no guiador da bicicleta, porque não queria esborrachar uma sem querer.

Peguei numa bolacha de pepitas de chocolate do prato à minha frente e segurei-a por cima da mesa, apontando para a boca do meu pai.

— Quantas calorias tem essa bolacha? — perguntou, antes de a trincar.

— Não faço ideia — respondi. — Mas não importa, és magrinho.

— Isso é porque conto as calorias dos alimentos — comentou, mastigando o pedaço de bolacha. — E já sou suficientemente pesado para o Russel me levantar. — O meu pai era alto, ou pelo menos fora alto, quando ainda se podia pôr de pé, e herdei dele o corpo esguio, além dos olhos azuis. Duvidava seriamente que alguma vez tivesse tido peso a mais.

— O que andas a ler agora? — questionou, depois de engolir a última dentada de bolacha. Segui o olhar para a colcha fina e castanha de uma das camas de solteiro para onde atirara o livro que estava a ler.

— Chama-se *Herdeiros do Ódio* — respondi.

— Ah, sim. — Sorriu-me. — V. C. Andrews. A família Dollanganger, não é?

O meu pai parecia saber sempre alguma coisa sobre qualquer assunto. Às vezes podia ser aborrecido.

— Já o leste? — perguntei.

— Não, mas são tantos os miúdos com quem trabalho que o leram, que sinto que também já o li. É sobre os irmãos que são fechados num sótão, não é? Uma metáfora sobre como nos sentimos enclausurados na adolescência?

— Sabes realmente como dar cabo de uma boa história — comentei.

— É um dom que tenho. — Sorriu-me com modéstia. — E estás a gostar do livro?

— *Estava* a gostar. Agora, que tenho de pensar em metáforas e tudo isso, já não sei bem.

— Desculpa, querida.

Esperava que não me chamasse «querida» em frente à Stacy, quando ela fosse lá a casa naquela tarde. Não a conhecia muito bem, mas era a única amiga que ia passar ali o verão, por isso quando a minha mãe sugeriu que convidasse alguém para dormir lá em casa, pensei nela. Ela adorava os New Kids on the Block e prometera trazer as suas revistas *Teen Beat* e *Sassy*, por isso tínhamos muito sobre o que falar.

Como se fosse capaz de ler os meus pensamentos, o papá acenou com a cabeça para um dos três pósteres dos New Kids on the Block que

colara nas paredes de pedra tosca. Trouxera-os do meu quarto para a casa do riacho, de modo a passarem o verão comigo.

— Mostra-me algumas músicas deles — pediu.

Levantei-me e encaminhei-me para o leitor de cassetes que guardávamos no chão por baixo do lava-loiça. Não havia muitos sítios para arrumar as coisas, porque a casa era pequena e já estava apinhada. O álbum *Step by Step* já estava no leitor. Liguei-o e a música encheu o espaço pequeno. A casa do riacho recebia a eletricidade de um gerador e até tínhamos um micro-ondas; a água canalizada era desviada da nascente que ficava ali perto. O papá e o tio Trevor arranjaram-na para mim quando tinha seis anos. Nessa altura, o papá ainda devia conseguir andar um pouco, mas mal me lembro dele sem a cadeira de rodas. Passei verões inteiros a oferecer chás no minúsculo abrigo de pedra e em várias ocasiões um dos meus pais dormia comigo na outra cama de solteiro. Depois, nos verões mais recentes, andara fascinada pela vida dos insetos e plantas da floresta cerrada de Morrison Ridge. O meu microscópio continuava pousado no parapeito de uma das duas janelas da casa do riacho, mas naquele verão ainda não lhe mexera e provavelmente não ia mexer. Interessava-me mais por dança, por música e em fantasiar com os rapazes que a faziam. Ah, e pelo Johnny Depp. Ficava deitada à noite, acordada, enquanto tentava encontrar uma forma de o conhecer. Nas fantasias, usava lentes de contacto em vez de óculos e, sabe-se lá como, tinha milagrosamente um cabelo ótimo, em vez do descuidado cabelo ondulado e castanho que me chegava aos ombros. Tinha também seios de verdade. Naquela altura, mal conseguia encher a copa AA do sutiã. Íamos apaixonar-nos, casar e ter filhos. Não sabia ao certo como conseguiria transformar o sonho em realidade, mas era aquilo em que gostava mais de pensar.

— Está quente aqui dentro, não te parece? — perguntou o papá. Ele não suportava o calor — fazia-o sentir-se muito debilitado — e desta vez estava certo. Apesar de vivermos nas montanhas e de as paredes da casa do riacho serem de pedra com 30 centímetros de espessura, naquele dia *sentia-se* de facto o calor. — Por que não abres as janelas? — sugeriu.

— Porque estão emperradas.

Olhou para a janela mais perto do lava-loiça como se a conseguisse abrir só com o olhar.

— Queres que te diga como se desemperram?

— Pode ser. — Levantei-me e atravessei o espaço reduzido até me encontrar em frente à janela. Fiquei ali a saltitar ligeiramente com o ritmo

da música, à espera que ele me dissesse o que fazer. Agora andava sempre a dançar, mesmo enquanto lavava os dentes.

— Ora bem, bate com o punho no sítio em que o vidro de cima se une ao de baixo. — O papá não levantou as mãos para ilustrar o movimento, como faria qualquer pessoa. Dois anos antes teria sido capaz de as levantar, pelo menos um pouco. Mas agora as mãos repousavam inutilmente nos braços da cadeira. A mão direita enroscava-se sobre si de uma forma que sabia que o irritava.

— Aqui? — aponte para um ponto no caixilho.

— Aí mesmo. Dá-lhe uma boa pancada de ambos os lados.

Precisei de várias tentativas, mas a janela acabou por ceder e consegui levantá-la. Ouvia o som da nascente próxima da casa, mas enquanto me encaminhava para a outra janela, o som foi abafado pelos New Kids a cantar «Tonight». Recorri à mesma técnica para abrir a segunda janela e o aroma da floresta deslizou por todo o espaço.

Quando voltei a sentar-me, o papá sorriu. A minha mãe dizia que o sorriso dele era «contagioso» e tinha razão. Devolvi-lhe o sorriso.

— Está muito melhor — comentou. — Essas janelas já encravavam quando era pequeno.

Segurei-lhe o copo de limonada junto aos lábios e ele bebeu um gole pela palhinha.

— Adoro pensar como o riacho passava por dentro da casinha — referiu. Já vira fotografias antigas do espaço. Antigamente havia uma calha cheia de água do riacho que corria encostada a uma das paredes interiores e os meus antepassados de Morrison Ridge mantinham o leite e o queijo, assim como outros artigos perecíveis, sempre frescos sobre a água.

— Bem, o meu pai mudou isso quando acrescentou as janelas. Eu e o tio Trevor ajudámos, pelo menos no que podíamos. Éramos ainda muito pequenos. Assim que a casa secou completamente por dentro, dormíamos aqui quase todos os fins de semana de verão.

— Tu e o tio Trevor?

— E a tia Claudia e o resto dos nossos amigos — sempre com um dos pais, claro —, até chegarmos à idade em que os rapazes já não queriam estar com as raparigas e vice-versa. Depois, eu e o Trevor ficávamos cá sozinhos. Na altura não havia camas, mas dormíamos em sacos-cama. Acendíamos uma fogueira lá fora — claro que não havia micro-ondas. Nem eletricidade, já agora. — O olhar perdeu-se na distância, vislumbrando algo na memória que eu não podia ver. — Era muito divertido.

— Depois olhou para a parede por cima de uma das camas, à esquerda dos pósteres do Johnny Depp. — O que guardas agora no esconderijo da pedra? — perguntou. Quando eram novos, o papá e o tio Trevor lascaram uma das pedras da parede para criar um buraco pequeno, a qual cobriram com um molde de gesso a imitar a pedra. A não ser que alguém divulgasse a sua existência, ninguém percebia que havia ali um esconderijo. Guardava lá algumas conchas e dois pequenos dentes de tubarão que trouxe de uma das nossas viagens à praia, assim como um maço de tabaco que a minha prima Dani deixara no alpendre no ano anterior. Não sabia por que motivo os guardara. Na altura pareceu-me uma coisa excitante, mas agora parecia-me só estúpido. No esconderijo de pedra também tinha um pássaro de vidro azul que a minha mãe me oferecera quando fiz cinco anos e o pequeno ramo de flores — completamente seco — que o papá me dera antes do casamento da minha prima Samantha. E guardava a minha ametista. O papá ofereceu-me a pedra quando tinha cinco anos e sentia medo de entrar para o autocarro da escola. Deu-me dentro de um estojo de joias forrado a veludo e não o tirei do bolso durante um ano inteiro. Contou-me a história da pedra, como a ametista fora encontrada na propriedade de Morrison Ridge em 1850 quando o meu avô começou a desbravar o terreno para a casa principal onde vivia agora a minha avó. Como fora esculpida e polida até ficar do tamanho da palma da mão, com a suave reentrância para o polegar. Como fora passada de geração em geração depois disso. Como o seu próprio pai lha tinha oferecido e como o ajudara quando era criança e tinha medo. Na verdade, nunca acreditara que a ametista fora encontrada na nossa propriedade, mas mesmo assim sempre a estimara e parecia acreditar nos seus poderes calmantes.

Agora mandava comprar pedras numa loja *New Age* — às vezes chamava-lhes «pedras da preocupação» — para oferecer aos miúdos com quem trabalhava no consultório particular.

— Tenho lá a pedra — disse.

— Porquê? Costumavas andar com ela para todo o lado.

— Há anos que não o faço, papá — respondi. — Já não preciso dela. Mas ainda a adoro, claro — assegurei. E era verdade. — Mas a sério, de que tenho medo agora?

— Não de muita coisa — admitiu. — És uma miúda valente.

— Pelo menos não tenho bebidas alcoólicas escondidas, como tu e o tio Trevor costumavam ter.

O papá soltou uma gargalhada.

— Folgo em saber — disse. — A que horas é que a tua amiga... Stacy Bateman, não é? A que horas é que ela chega?

— Às cinco — respondi. Ele deu-me uma ideia com aquela conversa das dormidas. — Podemos dormir aqui esta noite, a Stacy e eu? — Seria tão fixe ficar ali de noite, sem os meus pais ou o Russell.

— Hum, não sei — hesitou. — Fica bastante longe da casa principal. De *todas* as casas.

— Sim, mas acabaste de dizer que tu e o tio Trevor...

— Éramos mais velhos do que vocês. E além disso, agora que me lembro do tipo de coisas que aqui fazíamos, acho que não quero que durmas cá sem supervisão. — Soltou nova gargalhada.

— Como por exemplo? — interoguei. — O que é que faziam?

— Não é da tua conta. — E piscou-me o olho.

— Bem, nós não vamos fazer nada terrível — prometi. — Apenas ouvir música e conversar.

— Sabes como isto é assustador à noite — acrescentou.

— Oh, por favor!

Olhou para mim com ar pensativo e assentiu com a cabeça.

— Vamos falar com a mãe, mas é provável que ela diga que sim. Ajudas-me a escrever um pouco antes de a Stacy chegar?

— Claro que sim — respondi, ansiosa por agradar, agora que obtivera a autorização para passar a noite na casa do riacho. Além disso, adorava datilografar e não era só porque o meu pai me pagava; dentro de pouco tempo teria dinheiro suficiente para comprar as botas *Doc Martens* lilases que tanto desejava. Sentia-me orgulhosa dele enquanto escrevia. Umhas vezes datilografava as anotações sobre os pacientes e gostava de ver os progressos que iam fazendo. O papá classificava os casos por números em vez de nomes, isto para a eventualidade de eu conhecer algum deles, já que por vezes tratava miúdos que andavam na minha escola. Mas o que gostava mais de fazer era datilografar os seus livros. Eram sobre a Terapia do Faz de Conta. Empregava um nome mais técnico para a abordagem que usava com os pacientes, mas era assim que lhe chamava quando falava com leigos. «Resumidamente» explicava quando alguém lhe fazia alguma pergunta, «se fizer de conta que é o tipo de pessoa que quer ser, estará gradualmente a tornar-se nessa pessoa.» Vi esta abordagem funcionar muitas vezes com os pacientes, à medida que datilografava as suas anotações, semana após semana.

Até ao momento, escrevera dois livros sobre a Terapia do Faz de Conta, um para outros psicólogos e o outro para crianças. Agora estava quase a acabar um livro para adultos e sabia que aguardava o momento com ansiedade. Em breve, partiria numa digressão de divulgação idealizada pelo agente publicitário que contratara para promover o livro infantil. E eu ia com ele, porque, segundo dizia, eu fora a sua cobaia enquanto desenvolvia as técnicas que usava com crianças e adolescentes. Claro que o Russell também iria connosco. O papá não podia ir a lado nenhum sem o seu assistente, mas não fazia mal. Desde que o Russell começara a viver connosco, há três anos, aprendera a apreciá-lo. Talvez até o amasse como parte da nossa família. Ele fazia com que a vida do meu pai fosse suportável.

Levantei-me e desliguei o leitor de cassetes.

— Então, se é para escrever devíamos ir embora agora — disse-lhe. Faltava apenas um par de horas até a Stacy chegar.

— Muito bem — concordou. — Tenho o *walkie-talkie* no cinto. Chama o Russell.

— Eu posso empurrar-te até casa — contrapuz, segurando nas pegas da cadeira e virando-a.

— Achas que consegues desenrascar-te na Colina do Inferno?

— Estás com medo? — provoqueei-o. A estrada principal que atravessava Morrison Ridge estendia-se num arco de cerca de três quilómetros. O lado do arco mais afastado da casa do riacho era composto por uma série de curvas e contracurvas que ajudavam a aligeirar a descida. Mas a parte da estrada mais próxima de nós localizava-se numa encosta comprida e maioritariamente suave, até que de súbito parecia cair a pique, quem sabe da própria «face» da terra. Era a melhor colina de sempre para escorregar de trenó, mas não servia para muito mais do que isso. Em certa ocasião, desci a Colina do Inferno com demasiada velocidade e acabei com um braço partido.

— Sim, estou com medo — admitiu o papá. — Não preciso de nenhum osso partido para acrescentar ao resto.

— Faz de conta que não tens medo, papá — voltei a espicaçá-lo.

— Tu às vezes consegues ser mesmo chata, sabias? — afirmou, mas ria suavemente. Senti as vibrações nas pegas da cadeira.

Empurrei-o pelo caminho que passava pela casa do riacho até à estrada principal. O caminho estava quase inteiramente escondido, coberto de folhas e outros cascalhos, mas sabia muito bem por onde serpentear por

entre as árvores. Tive de parar algumas vezes para tirar ramos dos raios das rodas, mas não demorámos muito a chegar à estrada. Uma vez lá, virei à esquerda. A estrada de terra, «aninhada» sob a copa verde das árvores, era suficientemente larga para passarem dois carros lado a lado, embora com cuidado. Era uma ocorrência rara — dois carros passarem por ali ao mesmo tempo. Atualmente, apenas 11 pessoas viviam nos 40 hectares de Morrison Ridge, uma vez que a minha prima mais velha, a Samantha e o irmão, Cal, tinham ido viver para o Colorado no ano anterior, isto para grande desgosto da minha avó. A Nanny pensava que quem nascia em Morrison Ridge devia morrer em Morrison Ridge. E eu concordava com ela. Não conseguia imaginar-me a viver em nenhum outro lugar.

As nossas cinco casas encontravam-se bem espalhadas na propriedade, invisíveis umas em relação às outras. O que nos ligava era a estrada em ziguezague. E o amor. Pelo menos para a maior parte de nós, porque todos tínhamos um grau de parentesco entre nós. Mas também existia irritação. Não podia negá-lo. Enquanto empurrava o papá para lá da curva da casa do tio Trevor e da tia Toni, senti um pouco desta irritação a agitar-se dentro de mim.

O papá olhou pela estrada em direção à casa deles, que se encontrava muito bem escondida por entre a folhagem das árvores. Julguei que pensava na última discussão que travara com o tio Trevor, que estava a ponderar a ideia de construir um empreendimento nos seus dez hectares de terreno. Andava a tentar convencer o meu pai e a tia Claudia a venderem-lhe uma parte dos seus dez hectares para poder entrar no ramo imobiliário com mais força.

Mas essa não era de todo a ideia do papá.

— Está ali a Amália — disse e vi-a a contornar a curva na estrada que vinha da casa do tio Trevor.

Seria capaz de a reconhecer a um quilómetro de distância. Tinha o corpo leve de uma bailarina e invejava a graciosidade com que se movia. Mesmo de calções e t-shirt, como estava vestida agora, parecia flutuar em vez de andar. Travei as rodas da cadeira e corri para ir ter com ela à estrada. Trazia nos braços o cesto dos produtos de limpeza, que pousou no chão para me dar um abraço. O cabelo comprido castanho e ondulado fez-me cócegas nos braços. O cabelo dela cheirava-me sempre a madressilva.

— Quando é a minha próxima aula de dança? — perguntei, à medida que caminhávamos em direção ao meu pai. Ele sorriu-nos. Sabia que

adorava ver-nos juntas. A Amalia trazia o cesto numa das mãos e o outro braço por cima dos meus ombros.

— Na quarta-feira? — sugeriu.

— À tarde?

— Perfeito — concordou.

Passar mais tempo com a Amalia era um dos pontos altos do verão. Sentia-me tão livre quando estava com ela. Não havia regras. Não havia obrigações. Ela nem sequer fazia alguns dos passos que eu devia seguir durante as aulas de dança. Com a Amalia tudo era completamente livre.

Alcançámos o meu pai.

— Onde está o Russell? — questionou a Amalia.

— Hoje é a Molly que me vai levar para casa — respondeu o papá.

— Não o percas na colina — avisou-me a Amalia, mas sabia que não falava a sério. Ela não era uma pessoa preocupada. Pelo menos, nunca me deixara perceber as suas preocupações. — Talvez possa ajudar-te a descer a colina?

O papá abanou a cabeça.

— Depois tinhas de subir a colina inteira sozinha para regressares a casa — respondeu. A Amalia vivia nas antigas casas dos escravos, perto da casa da minha avó, mesmo no cimo de Morrison Ridge. As casas dos escravos foram ampliadas e modernizadas e os dois minúsculos edifícios encontravam-se agora ligados por numa enorme extensão de madeira e vidro. A Amalia transformara a cabana remodelada num local bonito e acolhedor, mas havia quem pensasse que a casa dos escravos era de facto o local mais adequado para ela viver. Porém, o meu pai não era uma dessas pessoas.

— Bem, se achas que consegues mesmo — disse a Amalia e não tive certeza a qual dos dois se dirigia.

— Vamos safar-nos lindamente — assegurou o papá. — Pelo que parece, a Molly está a gostar muito das aulas de dança.

— Ela tem um talento natural. — A Amalia tocou-me no braço. — É concentrada e destemida.

Pareceu-me uma palavra tão estranha para a Amalia classificar a minha forma de dançar: *destemida*. Mas adorei. Julguei entender o que queria dizer. Quando começámos a dançar pela sua casa, sentia-me como se estivesse a um milhão de quilómetros de distância de tudo e de todos.

— Hoje, a Molly tem uma amiga que vem cá fazer-lhe uma visita — contou o papá. — Vão dormir na casa do riacho.

— Mas é preciso que a mãe deixe — acrescentei. Ele parecia ter-se esquecido desse obstáculo.

— Sim — concordou. — É preciso que a Nora autorize.

— Uma aventura! — Os olhos verdes da Amalia iluminaram-se e assenti com a cabeça, mas ela não estava a olhar para mim. O olhar fixava-se no meu pai e tive aquela sensação estranha que por vezes me assaltava quando estava junto a eles. Seria impressão minha ou aqueles dois conseguiam comunicar sem trocarem palavras?

A Amalia voltou a pegar no cesto e apoiou-o no antebraço. Vi uma garrafa de vinagre a espreitar por baixo de um pano do pó. A Dani dissera-me que, depois de a Amalia lhe limpar a casa, cheirava a vinagre durante dias. A Amalia limpava todas as casas de Morrison Ridge. Menos a nossa.

— É melhor irmos andando — disse o papá. — Gostava de atravessar a colina e despachar o assunto.

— Adeus, Amalia — despedi-me.

— Até quarta-feira, fofa. — Acenou-me com a mão livre e destravei a cadeira de rodas do papá. Depois comecei a empurrá-la estrada abaixo.

— Então, o que vão fazer na casa do riacho esta noite, tu e a Stacy? — perguntou o papá.

Naquele momento, passávamos por um dos bancos de madeira que o meu avô construía à beira da estrada. Presumia que antigamente se viam as montanhas dali, mas agora as árvores bloqueavam as vistas todas.

— Vamos ouvir música — respondi. — E conversar.

— E soltar risadinhas — acrescentou o papá. — Gosto de te ouvir quando soltas risadinhas.

— Eu não solto risadinhas — respondi, irritada. Às vezes, o meu pai ainda falava comigo como se eu tivesse dez anos.

— Não? Olha, enganas bem.

— Cá está a colina — constatei. Virei-me para descermos a colina de costas e segurei as pegas da cadeira com mais força. Já vira o Russell levar o meu pai daquela forma uma dúzia de vezes. Ele fazia com que parecesse fácil. — Preparado?

— Tanto quanto possível — respondeu.

Se fosse capaz de esticar o corpo — de contrair os músculos, preparando-se para a descida — tenho a certeza de que o teria feito, mas na verdade pouco podia fazer, a não ser esperar pelo melhor.

Comecei a caminhar de costas, a segurar as pegas com força e a enterrar os ténis na estrada de terra. O meu pai e a cadeira eram assustadoramente pesados, bastante mais do que previra e os músculos dos meus braços estremeciam. Quando começámos a ganhar velocidade, percebi que cometera um erro. Sentia o bater do coração nos ouvidos. Quando chegámos ao fundo da colina estava à beira das lágrimas, mas fiquei contente por o papá estar de costas e não poder ver o meu rosto.

— Tcharan! — exclamei, como se não se passasse nada.

— Brava! — elogiou o meu pai. Depois acrescentou com uma gargalhada. — Nunca mais repetimos a façanha.

— Está bem — concordei. Inclinei-me impulsivamente e envolvi-o num abraço. Por instantes, limitei-me a ficar agarrada a ele. Não queria perdê-lo nunca.

Os olhos do Russell quase lhe saltaram das órbitas quando entrei em casa com o papá na cadeira de rodas.

— Trouxeste-o pela colina? — perguntou, enquanto empurrava o papá pela porta da entrada e até à sala de estar. Sabia que não queria perguntar se o trouxera literalmente nos braços. O Russell usava algumas expressões às quais dava um sentido muito próprio.

— Claro que sim — respondi, como se não fosse nada.

— Para a próxima ligamos-te — disse o papá ao Russell.

— Ah, podem crer que sim. — O Russell olhou para mim com um olhar severo, ou pelo menos tentou, mas a verdade é que os olhos dele eram grandes como os de um *cocker spaniel*, castanhos da cor do chocolate, iguais à sua pele, e nunca o vira fazer uma expressão zangada que fosse suficientemente convincente. De qualquer maneira, sabia que não estava zangado, apenas preocupado. O Russell adorava o meu pai. Fazia tudo por ele. Levantava-o da cama de manhã, dava-lhe banho, esvaziava o saco da urina, mudava-lhe o cateter, vestia-o e lavava-lhe os dentes. Acho que, quando alguém depende de nós tanto quanto o meu pai dependia do Russell, ou começamos a amar essa pessoa ou acabamos por a odiar. Não imaginava como podia existir um sentimento intermédio.

— Vamos dizer olá à mãe — sugeriu o papá. — Depois podemos escrever.

— És capaz de o levar? — perguntou-me o Russell e assenti com a cabeça. O Russell percorreu o corredor até chegar ao seu quarto, que ficava ao lado do dos meus pais. Ele estava sempre por perto para o caso de o papá precisar dele.

Empurrei o papá em frente à janela larga da sala de estar que oferecia a vista das montanhas, ao longe. O tio Trevor ajudara o meu avô a construir aquela casa quando os meus pais ficaram noivos. Na minha

opinião, era a casa mais bonita de Morrison Ridge, com o exterior azul-celeste e dúzias de janelas com vista para o cimo das árvores e os vales que se estendiam até à eternidade. Era uma vista hipnotizante. Quando era mais nova, costumava sentar-me no banco da janela da sala de jantar e imaginava como seria ser uma águia, a pairar entre a nossa casa e as montanhas. Isto foi antes de os New Kids on the Block e o Johnny Depp entrarem em cena e as minhas fantasias mudarem para assuntos um pouco mais provocantes.

A mãe estava na cozinha, a cortar cebolas em cima da tábua de madeira. Continuava com a bata branca da farmácia vestida, com o nome *Dra. Nora Arnette*, bordado por cima do bolso. A sua expressão mostrava um ar atormentado. Aquele ar de «Estive de pé todo o dia, agora estou a fazer o jantar para a minha família e para um convidado, e nem sequer consegui despir a bata». A minha mãe andava sempre com demasiadas coisas na cabeça. Se não existissem três milhões de coisas para fazer, ela inventava-as. Não conseguia simplesmente relaxar; era impossível. Era uma mulher muito bonita, mas a sua beleza tinha uma certa fragilidade, principalmente quando estava cansada ou quando se apressava para fazer qualquer tarefa, exatamente como agora. O cabelo era daquele tom de louro tão claro que ninguém notaria quando acabasse por ficar grisalho. Dava-lhe pelos ombros, mas ela usava-o quase sempre preso num rabo de cavalo junto à nuca. Os olhos eram do mais pálido tom de azul; a pele quase translúcida de tão branca, mas os lábios carnudos eram escuros e por isso nunca se preocupava em usar batom. Sabia disto porque já andara a coscuvilhar várias vezes na sua maquilhagem; já experimentara o *eyeliner*, a máscara das pestanas e o *blush*, desiludida por não haver nada que desse um pouco de cor aos meus lábios pálidos.

— Sabes se a tua amiga come de tudo? — perguntou-me a minha mãe quando empurrei o papá para a cozinha.

Encolhi os ombros.

— Não faço ideia. O que vamos comer?

A mãe atravessou a divisão e curvou-se para dar um beijo nos lábios do meu pai, enquanto segurava a faca com o braço esticado.

— *Enchilada* — respondeu, regressando para a tábua de corte.

— Fantástico. — Deixei-me cair sobre uma das cadeiras da cozinha.

— A Stacy e eu vamos dormir na casa do riacho. — Olhei para o meu pai que fez o ligeiro movimento com a cabeça em direção à minha mãe.

— Se não te importares — acrescentei rapidamente.

Ela olhou para mim com a faca na mão a pairar por cima de uma cebola.

— Oh, Molly, não me parece boa ideia — disse. — É tão longe de casa. É demasiado isolada e fazes ideia de como fica escuro a meio da noite?

— A casa do riacho tem luz — salientei.

— Lembras-te daquela vez em que tentaste acampar? E isso foi aqui no nosso...

Parou a meio da frase e percebi que o meu pai lhe devia ter dado alguma espécie de aviso com o olhar para que se calasse.

— Mas nessa altura tinha apenas 12 anos — respondi. — E estava sozinha. Desta vez vou ter a Stacy comigo e vai correr tudo bem. O papá concorda.

A minha mãe virou-se para o meu pai, com a mão na anca.

— Vais fazer com que eu seja a má da fita? — Parecia estar aborrecida.

— Bem, não *precisas* de ser a má da fita — afirmou calmamente o papá.

Ela franziu o sobrolho, com duas pequenas linhas a formarem-se entre as sobrancelhas.

— Achas que é boa ideia dormirem lá as duas sozinhas?

— Talvez não seja uma ideia *estupenda*, mas não vejo que possa ser um problema. — Ele estava a provocá-la e pela cor do rosto da minha mãe percebi que faltava muito pouco para passar da irritação à fúria.

— Não aligeires a questão, Graham — argumentou a minha mãe, encostando uma anca à bancada de granito preto. — Não é só na Molly que temos de pensar. Nem sequer conhecemos a outra rapariga.

— Ela é mesmo muito simpática — justifiquei, como se conhecesse a Stacy melhor do que realmente conhecia... e como se a sua simpatia tivesse alguma coisa que ver com a nossa dormida na casa do riacho.

A minha mãe parecia nem me ouvir.

— Talvez devêssemos falar com os pais dela sobre a dormida lá fora — sugeriu, cedendo já um pouco. — Para conseguirmos a sua autorização?

— Não é preciso fazer disto um acontecimento assim tão importante, mãe — disse-lhe.

— Molly — falou o meu pai, — quando os pais da Stacy a vierem cá pôr, deixa que eu ou a mãe falemos com eles antes de irem embora, está bem?

— Está bem — respondi, levantando-me. — Já estás pronto para escrever?

— Acho que a mãe e eu temos de representar primeiro uma ópera — disse ele.

— Oh, não. — A minha mãe gemeu. — Não tenho tempo para uma ópera. Não precisamos dela. Nem sequer estou zangada. O assunto está encerrado.

— É mais importante do que as tuas cebolas — contrapôs o meu pai.

— *Graham*. O jantar vai atrasar.

— E ficamos preocupados com isso? — Olhou para mim enquanto parava à entrada da cozinha e abanei obedientemente a cabeça.

— Vou para o teu escritório — respondi. Saí para o corredor, mas em vez de ir para o escritório do meu pai, encostei-me à parede, à espera. À escuta.

— Então, vamos cantar sobre o quê? — perguntou o papá à minha mãe.

Ela soltou um suspiro resignado.

— Não importa. Escolhe tu.

— Hum. Sobre a máquina de lavar loiça?

— Pode ser — respondeu a mãe.

— Ohhh! — O meu pai começou a cantar com uma poderosa voz operática. — A máquina de lavar loiça! A mááááquina de lavaaar loiça!

— A mááááquina de lavar loiça! — cantou a minha mãe e depois soltou uma gargalhada. Pouco tempo depois cantavam os dois a plenos pulmões a disparatada opereta de três palavras, com as vozes a erguerem-se e a mergulharem em intensidade com grande dramatismo.

O Russell saiu do quarto e olhou para mim.

— Estiveram a discutir? — murmurou.

Abanei a cabeça.

— Um minúsculo desacordo. — Sorri.

Ele tapou os ouvidos com os dedos, mas quando entrou no quarto ia a sorrir. Nem me mexi. Gostava de os ouvir. Julgava sentir de verdade os ânimos a elevarem-se enquanto fiquei no corredor, a sorrir para mim. O meu pai era capaz de mudar o ambiente de um lugar, pensei. Era capaz de aliviar a mágoa, o medo, de dissipar a raiva. Havia alturas, e aquela era uma delas, em que pensava que ele era um mágico.

San Diego

— **O** que é que te parece esta aqui? — perguntou o Aidan. — É uma das minhas fotografias favoritas. — Virou o portátil para que eu conseguisse ver a fotografia de que tinha gostado tanto. Na imagem, estávamos numa praia do Havai, com Diamond Head ao fundo, e exibíamos um ar bronzeado, em forma e muito, muito feliz. Mas aquela fotografia não servia para o portefólio.

— Estás a esquecer-te das regras — avisei. — Nada de óculos de sol. Nada de fatos de banho.

— Pois. Esqueci-me. — O Aidan voltou a endireitar o portátil em cima do colo. Sentados lado a lado, passávamos revista às nossas centenas de fotografias para encontrarmos a combinação perfeita para o portefólio. Além da regra dos óculos e dos fatos de banho, tínhamos sido avisados para não incluir fotografias com bebidas alcoólicas. Ou com bonés de basebol. Qual era o problema dos bonés? Não fazia ideia, mas eu e o Aidan tornáramo-nos em seguidores de regras. Queríamos maximizar as nossas possibilidades de sermos selecionados por uma mãe biológica.

Há duas semanas, completáramos finalmente toda a papelada de que a agência de adoção precisava. Já tinham cópias da nossa certidão de casamento, de nascimento, dos registos médicos, as declarações de rendimentos e as cartas de recomendação escritas pelos nossos amigos e empregadores. Passámos os testes físicos e a verificação dos registos criminais. Os registos médicos preocupavam-me. Tinha a certeza de que algum dia, algures, preencheria um questionário médico que perguntava se algum dos progenitores sofrera de cancro e certamente terei respondido que *não*. A agência seria assim tão minuciosa na observação dos documentos? Compararia a resposta que dera à Patti sobre o suposto cancro de mama da minha mãe? Era capaz de enlouquecer sozinha a pensar neste tipo de detalhes.

Passaram-se três semanas desde a última visita da Patti e só agora começáramos a tratar do portefólio, que culminaria com uma carta à «Querida Futura Mãe», algo que ambos temíamos. Até então, era simplesmente demasiado perturbador trabalhar no portefólio sem sabermos se a agência de adoção iria aprovar-nos ou não. Mas a carta chegara no dia anterior: *Muitos parabéns! Foram aprovados para a adoção de uma criança através da Agência de Adoção Hope Springs. Assim, juntam-se agora às restantes 92 famílias que estão em lista de espera.* Fiquei desanimada com aquele número. Uma mãe biológica tinha mais 92 potenciais lares para o seu bebé. Com 38 anos, seríamos os mais velhos? Como iria a jovem mãe encarar a linha do cabelo do Aidan, cada vez mais recuada? E as rugas de expressão em redor dos meus olhos? Que futura mãe consideraria um casal da idade dos seus próprios pais como as pessoas ideais para criarem o seu filho?

Olhei para a fotografia no ecrã do portátil. Mostrava-me a colher um limão do limoeiro do nosso jardim. Pensei que era perfeita, mas depois lembrei-me da regra dos óculos de sol. Claro que estava de óculos de sol. Quando se vivia em San Diego, usava-se óculos de sol. Talvez precisássemos de nos cingir a fotografias tiradas em espaços interiores.

— O que podemos fazer para que o nosso portefólio se destaque dos restantes? — perguntei ao Aidan.

— Acho que devíamos torná-lo giro — respondeu-me.

— Giro? — soltei uma gargalhada. — E como fazemos isso, exatamente?

— Devíamos dar uma vista de olhos a algumas revistas para adolescentes, ver como dispõem as páginas e depois tentar fazer o mesmo — explicou. Percebi que pensara seriamente naquela questão. — Talvez arranjar um grafismo mais fofinho. Uma colagem de fotografias, algumas delas enviesadas. Com cores vibrantes, quem sabe.

Virei a cabeça para o observar, com um sorriso. Ele era amoroso. O «Senhor Sol».

— Não sei — duvidei. — Acho que devíamos escolher algo mais sóbrio e sentimental. Não quero transmitir uma imagem de futilidade.

— Havemos de encontrar o equilíbrio — assegurou-me o Aidan. Virou novamente o portátil de frente para mim. — E que tal esta, com os gémeos?

Na fotografia, o Aidan e eu estávamos num carrossel, ao lado de dois cavalos enquanto segurávamos ao colo os dois filhos da irmã dele,

a Laurie. Na altura, os meninos Kai e Oliver tinham dois anos. A agência aconselhara a que acrescentássemos algumas fotografias com crianças e aquela era perfeita.

— Definitivamente sim! — exclamei.

— Só que... — o Aidan apontou para o meu rosto, onde estavam pousados os óculos de sol.

— Que se lixem os óculos de sol — declarei. — Essa fotografia é fantástica.

O Aidan marcou a fotografia para depois incluir no portefólio.

— Então se já estamos a marimbar-nos para a «regra dos óculos de sol», acho que devíamos incluir uma série de fotografias nossas mais ativas. A fazer canoagem, a esquiar e algumas daquela caminhada que fizemos no último outono.

— Mas talvez nos façam parecer demasiado... hedonistas, ou demasiado aventureiros para podermos encaixar um bebé nas nossas vidas. Acho que devíamos aparecer em nossa casa, para a mãe ver onde o seu bebé vai crescer.

— E se pusermos algumas de cada? — sugeriu o Aidan.

— Creio que precisamos de mais algumas com os gémeos — referi.

O Aidan assentiu com a cabeça.

— A Laurie disse que tinha uma série delas. Vai levá-las para casa dos meus pais no domingo.

Abriu outra página no portátil, cheia de pequenas imagens. Sabia o que eram. Eram fotografias da sua infância. Zoe, a assistente social da agência, aconselhou-nos a incluir algumas. «Para mostrar as famílias felizes em que cresceram.» O Aidan adorou a ideia e agora observava-o a ver as fotografias antigas. Ele tinha um sentido familiar tão apurado. Não só digitalizara as fotografias da família para o computador, como até as organizara por anos. Que outro homem faria uma coisa destas? Ele acarinhava a sua história. Vi-o a sorrir enquanto clicava nas fotografias e senti uma tristeza poderosa a tomar conta de mim.

Não tenho fotografias de família. Quando saí de casa, aos 18 anos, trouxe um punhado delas, mas deitei-as fora num dia em que a minha fúria me levou a melhor.

Quem me dera que as velhas memórias se pudessem deitar fora com a mesma facilidade.

Morrison Ridge

— **O**h, claro que não há problema algum para mim — disse a mãe da Stacy, pela janela aberta da carrinha prateada. A Stacy já tinha saído do carro e estava parada mesmo ao meu lado, com a mochila atafalhada pendurada no ombro.

— Pronto, então está bem — respondeu a minha mãe. — Quis só falar consigo primeiro antes de...

— Tenho de ir andando! — exclamou a mãe da Stacy, com a carrinha já em funcionamento. — Divirtam-se meninas! — gritou pela janela.

Fiquei com a nítida sensação de que a mãe da Stacy era bastante mais descontraída do que a minha. Ficámos a vê-la a afastar-se até que a minha mãe se virou para a Stacy.

— Eu sou a Nora — apresentou-se, estendendo a mão. Quando era mais pequena, os meus amigos tinham de a tratar por «Menina Nora» e ao meu pai por «senhor Graham», mas isto mudara há coisa de um ano. A minha mãe crescera na Pensilvânia e nunca adotara seriamente a cultura do «menina isto, menina aquilo» da Carolina do Norte, por isso agora toda a gente se tratava pelo nome próprio. Ainda não me habituara inteiramente a isto.

— Sou a Stacy. — A Stacy riu-se da formalidade enquanto cumprimentava a minha mãe com um aperto de mão. Parecia-me diferente do que era na escola, mas não consegui identificar exatamente onde residia a diferença. Continuava a ter o cabelo liso e preto, incredivelmente brilhante, que lhe chegava aos ombros e com uma franja grossa que quase lhe batia nas pestanas. Os olhos eram quase pretos e as pestanas grossas. Tinha um corpo para o qual os rapazes na escola não conseguiam deixar de olhar e naquele momento o top cor-de-rosa e os calções brancos pareciam mostrá-lo por inteiro. Apesar de usar uma roupa muito parecida — o meu top era azul em vez de cor-de-rosa — sentia-me...

bem, não propriamente feia, mas muito simples, muito magra, com o peito liso e ainda por cima de óculos. Comparado com o cabelo dela, o meu era uma confusão sem qualquer controlo e detestava as sardas que se espalhavam sobre o meu nariz. Mas definitivamente tinha algo a meu favor: os olhos azuis tão caraterísticos da família Arnette. A íris mais clara era contornada por um tom de azul-escuro, quase preto. Em mim, os olhos quase não se viam atrás dos óculos, mas pelo menos estavam lá. Contudo, ali de pé ao lado da Stacy, sentia-me uma simplória escanzelada e de súbito dei por mim a desejar não a ter convidado, embora soubesse que era uma reação mesquinha da minha parte. Ela tinha tanta culpa do seu aspeto quanto eu do meu.

— Gostas de *enchiladas*? — perguntou a minha mãe enquanto caminhávamos para casa.

— Adoro comida mexicana! — exclamou a Stacy.

— Ótimo — disse a minha mãe. — Podem ir fazendo as duas a salada enquanto eu acabo o arroz.



Enquanto nos ocupávamos a cortar o tomate e a partir a alface, sentia-me um pouco constrangida em relação à Stacy. A conversa teria fluído naturalmente com as minhas outras amigas, mas ainda não conhecia a Stacy suficientemente bem para saber sobre o que conversar... a não ser que começássemos a falar dos New Kids on the Block e não queria entrar nesse assunto com a minha mãe ali, por isso ficámos caladas.

A minha mãe tirou as *enchiladas* do forno e colocou o tacho em cima de uma base.

— Russell! — chamou por cima do ombro. — O jantar está pronto!

Levámos tudo para a sala de jantar e eu e a Stacy já nos sentáramos quando o Russell apareceu a empurrar o meu pai para a sala, em direção à cabeceira da mesa. O rosto da Stacy denunciou a surpresa ao ver o meu pai na cadeira de rodas.

— Deves ser a Stacy. — O papá sorriu-lhe e ela recuperou rapidamente a compostura.

— Sim. — Ofereceu-lhe o seu sorriso bonito.

— Sou o Graham — apresentou-se. — E este é o Russell. — O papá e o Russell pareciam gémeos, ambos com t-shirts pretas e calças de ganga.

O Russell olhou para mim por detrás da cadeira de rodas do meu pai.

— Hoje vou jantar a casa de um amigo — referiu. — Queres fazer as honras, Molly?

— Claro — respondi, empurrando a cadeira para trás para me levantar. Normalmente, quem dava o jantar ao papá era eu ou a minha mãe, enquanto o Russell tratava dele ao pequeno-almoço e ao almoço. O jantar era um tempo para a família, dizia a minha mãe, e por mim tudo bem. Dominava a técnica de comer e alimentar o meu pai ao mesmo tempo. Contornei a mesa e sentei-me ao lado dele, virando a cadeira para ficar meio de frente para ele, meio de frente para a mesa. A Stacy ficou à nossa frente e a minha mãe à cabeceira da mesa. Senti os olhos da Stacy fixos em mim e no papá enquanto lhe entalava o guardanapo no colarinho.

— Há quanto tempo é que vocês as duas se conhecem? — perguntou o papá.

Eu e a Stacy olhámos uma para a outra.

— Mais ou menos há, tipo, dois anos — respondeu ela. — A minha família mudou-se de Washington, D.C. para cá há dois anos.

— Foi uma grande mudança — comentou a minha mãe, colocando um par de *enchiladas* no prato, que entregou à Stacy.

— Foi uma mudança *gigantesca*. — A Stacy aceitou o prato. — Tipo, como ir para outro planeta. Mas gosto de estar aqui. Os miúdos são simpáticos. — Sorriu-me e senti-me mal por ter desejado não a convidar.

— Tens irmãos ou irmãs? — quis saber o papá.

— Tenho duas irmãs e um irmão — respondeu. — Todos mais velhos do que eu.

— Ah — comentou o papá. — E eles estragaram-te com mimos?

— Está a brincar? — Soltou uma gargalhada. — Eles atormentam-me!

A minha mãe entregou-me o prato do papá e usei a parte lateral do garfo para cortar um pedaço de comida.

— Como é que fazem isso? — questionou, antes de aceitar a garfada de *enchilada*.

— Tipo, estão *constantemente* a picar-me e sempre a tentar arranjar-me sarilhos por causa de coisas que são eles que fazem. São incorrigíveis.

— Qual foi a pior coisa de sempre que te fizeram? — perguntou o papá, depois de engolir a comida. Era muito bom a fazer perguntas às pessoas, principalmente aos miúdos. Demasiado bom. Era o trabalho dele. Às vezes podia soar a um interrogatório, embora fosse forçada a admitir que a Stacy não parecia importar-se. Falou de uma ocasião em que o irmão disse a um rapaz de quem ela gostava que tinha piolhos;

enquanto isso, enfiava comida na boca do papá um pouco mais depressa para tentar calá-lo.

— O meu pai é psicólogo — expliquei à Stacy quando acabou de contar a história dos piolhos.

— E por vezes esquece-se de que não está no trabalho — acrescentou a minha mãe, mas estava a sorrir. Era o sorriso «amo-te». Agora que o jantar já estava na mesa e tinham cantado a sua pequena ópera, estava mais descontraída.

— Oh, não faz mal — disse a Stacy.

— E os teus pais? — perguntou o papá. — O que fazem?

— Bem, o meu pai trabalha com computadores — respondeu. — Na verdade, ele ainda vive em D.C. Estão divorciados. Foi por isso que nos mudámos para cá. Porque a minha família é, tipo, completamente disfuncional.

— A maior parte das famílias são assim. — O papá ofereceu-lhe um sorriso solidário.

A Stacy espetou a *enchilada* com o garfo.

— As minhas irmãs e o meu irmão ficaram com ele, mas eu queria estar com a minha mãe, por isso vim para cá com ela.

— E como foi para ti? — interrogou o papá. — O divórcio?

— Intenso — respondeu a Stacy. — As nossas vidas ficaram, tipo, de pernas para o ar do dia para a noite. Ele não tem sido muito certo com a pensão de alimentos para mim e essas coisas. Além de que nunca o vejo. A minha mãe trabalha no escritório do irmão dela. Foi por isso que viemos para cá. Porque o meu tio vive em Black Mountain e pode ajudar-nos. — Continuou a brincar com a comida, cabisbaixa. — Na verdade, é um pouco confuso — acrescentou.

Naquele instante fiquei definitivamente feliz por a ter convidado. No espaço de 30 minutos, a Stacy passara do tipo de rapariga que parece só uma princesa excepcionalmente bonita para alguém que precisava mesmo de uma amiga.

— Lamento que tenhas de passar por tudo isso — referiu o papá.

— Porque não mostras Morrison Ridge à Stacy no fim do nosso jantar? — sugeriu a minha mãe.

— Já estava a planear fazê-lo — respondi. — Podemos levar a tua bicicleta emprestada?

— Claro que sim — respondeu a minha mãe, e do outro lado da mesa enviou-me o seu sorriso «amo-te». Senti-me uma sortuda por ter aquela família.

Depois de arrumarmos a cozinha, fui buscar a bicicleta da minha mãe à garagem e começámos a pedalar pela estrada que contornava Morrison Ridge. Quando chegámos à Colina do Inferno, descemos para levar as bicicletas à mão.

— É impossível subir esta colina de bicicleta — disse-lhe. Depois contei-lhe a história de como descera a toda a velocidade e partira o braço.

Íamos a meio caminho da encosta e já um pouco ofegantes, quando a Stacy perguntou:

— O que é que tem o teu pai?

— Tem esclerose múltipla — respondi.

— Ele consegue mexer alguma parte do corpo?

— Bem, como pudeste constatar, não tem qualquer problema em mexer a *língua* — respondi e a Stacy soltou uma gargalhada. — Mas não. Consegue mexer a cabeça e o pescoço, mas mais nada. A maior parte dos doentes não chega a ficar tão debilitada, mas o meu pai está cada vez pior.

— Uau — entou a Stacy. — Ele é mesmo simpático. É uma pena que... esteja assim.

Encolhi os ombros.

— Continua a fazer tudo o que quer — respondi, apesar de saber que não era bem verdade. O meu pai não era simplesmente pessoa de se queixar. — Ele é aquele tipo de pessoa que vê o copo sempre meio cheio.

Ficámos em silêncio durante alguns instantes. Um par de libelinhas atravessou a estrada à nossa frente e um pássaro chilreou algures na floresta, do lado esquerdo. Ouvia a nossa respiração pesada enquanto subíamos a colina.

— Deve ser esquisito viver com um psicólogo — comentou a Stacy algum tempo depois. — Tipo, ele deve saber sempre em que estás a pensar.

— Ele é psicólogo, não é adivinho.

— Mas mesmo assim. Sabes o que quis dizer. — Parou para coçar o joelho, depois voltou a empurrar a bicicleta. — Como é que é capaz de fazer o trabalho dele quando tem tantas, enfim, limitações?

— Bem, consegue ouvir e falar. Na verdade só precisa de conseguir fazer essas duas coisas para trabalhar.

Quando chegámos ao cimo da colina, estávamos as duas demasiado ofegantes para conseguirmos conversar, mas montámos as bicicletas e começámos a subir pela estrada. Algum tempo depois, aponte para a estrada lá em baixo, onde o meu pai e eu encontrámos a Amalia algumas horas antes.

— Então — comecei — aquela estradinha ali vai dar à casa da minha tia Toni e do meu tio Trevor.

— Nem se consegue ver ali casa nenhuma — disse a Stacy, espreitando para as árvores à nossa direita. — Não estou habituada a ver tanta floresta.

Achava que a floresta era uma terra de encantar e desejava que ela também a soubesse apreciar. Pelo tom da sua voz, não consegui perceber se era o caso.

Andámos mais um pouco e a certa altura aponte para um trilho quase invisível que entrava na floresta, à direita.

— Aquele trilho ali em baixo vai dar à casa do riacho onde vamos passar a noite — expliquei.

— É ali ao fundo? — Parecia chocada. — Uau. É tão fixe os teus pais deixarem-nos dormir lá. A minha mãe deve ter pensado que a casa era, tipo, no vosso jardim.

— E se soubesse onde era, achas que mesmo assim teria dito que sim?

— Oh, de certeza. Ela não se rala com aquilo que faço.

Não tive a certeza se estaria a imaginar a nota de amargura que as suas palavras transmitiam ou não, por isso tentei ignorar e decidi mudar de assunto.

— Também tenho o leitor de cassetes na casa do riacho.

— Oh, que fixe! Trouxe uma série de cassetes, mas estava com medo que tivesses só um leitor de CD.

— Estou a juntar dinheiro para comprar um, mas ainda não tenho tudo — respondi. — De qualquer maneira, o mais certo é termos as mesmas cassetes.

— Tens o *Step by Step*?

— Claro! Comprei no dia em que saíu. — Chegámos a uma pequena subida na estrada e tive de me levantar nos pedais para conseguir subir. — Gostava tanto que pudéssemos ir aos concertos deles este verão — comentei, quando acabámos de subir.

— A «Magic Summer Tour» — proferiu a Stacy com ar sonhador. — Mas nem sequer vai haver um concerto perto de nós e a minha mãe jamais teria dinheiro para me comprar um bilhete. — Subitamente, soltou um gemido. — Mas esta estrada só *sobe* a colina?

Soltei uma gargalhada. As minhas coxas ardiavam e de certeza que as dela também.

— Já só falta um bocadinho — disse-lhe. Embora ainda nem fossem sete da noite, já começava a ficar um pouco sombrio daquele lado da serra por causa das árvores. Íamos contornar o resto da estrada em arco de Morrison Ridge, depois pegávamos nas nossas coisas e íamos para a casa do riacho antes que estivesse demasiado escuro para darmos com o caminho.

— Ali ao fundo da estrada ficam as antigas casas dos escravos — afirmei, apontando novamente para a direita, desta feita para uma estrada muito mais estreita que parecia um túnel, de tão «aninhada» que estava no meio das árvores.

— As casas dos escravos! — exclamou a Stacy. — Deus do céu, nunca me vou habituar a viver no sul.

— Washington D.C. fica no sul — salientei.

— Quase não fica.

— Bem, de qualquer forma, isso já foi há muito tempo. — De repente senti um instinto muito protetor em relação a Morrison Ridge. — Agora quem vive lá é uma senhora, a Amalia. Ela é bailarina e artista. Pinta, faz vitrais e dá-me aulas de dança.

— Tipo... ballet ou outras danças?

— Dança interpretativa — esclareci. — É quando nos mexemos de acordo com os sentimentos que a música desperta em nós. — Pedalámos ao longo da curva e subitamente a luz do entardecer banhou a estrada com um tom dourado onde as árvores formavam uma pequena clareira. — A casa que vai aparecer aqui do lado direito é a casa principal.

É onde vive a minha avó. — Parei a bicicleta e a Stacy parou ao meu lado. — É uma das únicas antigas casas de tijolo das montanhas — expliquei, sentindo-me como uma guia turística. — Foi construída há 140 anos. A propriedade pertence à nossa família desde essa altura.

— Então os escravos eram da tua família? — Ela ficara mesmo encahlada naquele assunto.

— Bem, há 140 anos, sim, mas eram poucos — disse, como se ter cinco escravos em vez de ter 50 tornasse de alguma forma o facto menos condenável. Pensei no Russell e questionei-me como se sentiria quando alguém falava das casas dos escravos. Talvez devêssemos começar a chamar-lhes outra coisa.

Ao contrário das outras quatro casas de Morrison Ridge que se «anihavam» nas árvores, a casa da Nanny ficava numa entrada circular rodeada do único relvado de verdade que existia em toda a propriedade. Com os tijolos vermelhos e pilares brancos, a casa tinha um ar refinado, ao passo que as restantes casas eram definitivamente casas de montanha. A porta da frente abriu-se e a Nanny saiu para o alpendre, acenando com o braço por cima da cabeça.

— Olá, Molly! — cumprimentou. Desceu as escadas com ligeireza, no seu macacão de ganga e sapatilhas azuis-claras. A Nanny usava o cabelo grisalho num *bob* curto e oscilante. — Tens cá uma amiga contigo? — Desceu a entrada na nossa direção. Caminhava muito depressa. Apesar de ter feito recentemente 70 anos, não havia nada de idoso na Nanny. A minha mãe dizia que ela era «despachada».

— Esta é a minha amiga Stacy — disse, quando a Nanny estava quase junto a nós. — E esta é a minha avó, Nanny. Quero dizer, a Menina Bess. — A Nanny fora nascida e criada no sul e ficava horrorizada que os meus amigos agora tratassem os meus pais pelo nome próprio.

— Olá, Stacy — cumprimentou a Nanny. — Espero que te juntes a nós na nossa grande festa do solstício, no dia 28?

— Hum... — A Stacy olhou para mim.

— Ainda não lhe falei da festa, Nanny — esclareci. A minha avó era completamente obcecada pela festa anual que sucedia em Morrison Ridge por altura do solstício. Passava o ano inteiro a planeá-la.

A Nanny apontou para a casa, mas sabia que na verdade apontava *para lá* da casa, para o pavilhão onde se faria a festa.

— Vamos ter fogo de artifício! — exclamou. — E música! E dança! — bateu palmas. — E comida com fartura! Tens de nos fazer companhia.

A Stacy olhou para mim e sorri-lhe.

— É verdade — disse-lhe. — Devias mesmo vir.

A Nanny estendeu a mão e deu-me uma palmada no braço, o que me fez olhar para ela, espantada.

— Era um mosquito — explicou, com uma gargalhada. — Não te queria assustar.

Senti-os de repente nas pernas. Assim que parávamos de nos mexer, eles atacavam.

— É melhor voltarmos às bicicletas — afirmei. — Adeus, Nanny — despedi-me quando começámos a afastar-nos. — Adoro-a!

— Não se esqueçam da festa! — gritou atrás de nós.

Pedalámos um pouco, ambas aliviadas por estarmos numa parte plana da estrada, para variar.

— Acho tão fixe como a tua família tem o seu próprio bairro — reconheceu a Stacy algum tempo depois.

— Pois é — concordei. Aproximávamo-nos de um dos meus locais favoritos de Morrison Ridge; parei de pedalar e fiquei com os pés no chão.

— Olha lá para cima — disse, apontando para a direita.

A Stacy semicerrou os olhos à luz do entardecer.

— Só vejo árvores — respondeu.

— Não consegues ver o cabo ali em cima? — perguntei. — É uma tirolesa.

— Uma tirolesa? Queres dizer, daquelas onde se anda mesmo?

— Exatamente. — Voltei a apontar. — Se vieses para aqui, consegues ver a torre. O cabo parte dali de cima e desce até um ponto perto da minha casa.

— Já estou a ver. É tão alto! Parece que vai mesmo pelo meio da copa das árvores.

— Na verdade passa por cima delas — esclareci. — Pelo menos durante um bocadinho.

— Fantástico! — exclamou. — Podemos andar?

— Bem, esta noite não. Dá um grande trabalhão montar tudo. Os arneses neste momento estão lá em baixo e é preciso trazê-los para cima, mas se quiseres talvez possamos andar em breve.

— Quero muito!

Voltámos a pôr as bicicletas em movimento. Apontei para o lado direito.

- Ali fica o cemitério da família.
 — O quê? Estás a brincar?
 — Mas já é demasiado tarde para o explorarmos hoje — acrescentei.
 — Talvez amanhã.
 — Dispensó — disse a Stacy. — Ia passar-me completamente.

Eu gostava do cemitério. Era pequeno — as famílias Morrison e Arnette nunca tinham sido muito grandes — e durante o dia gostava muito de lá ir e ler as inscrições das lápides, enquanto imaginava as vidas dos meus antepassados. Só lá estivera uma vez à noite, e definitivamente não fui lá sozinha. Quando tinha oito anos, por ocasião do Halloween, o meu primo Cal arrastou-me a mim e à minha prima Dani para tentar aterrorizar-nos. Funcionou. Todas as pessoas da nossa família — cada uma das que morrera depois de 1850, assim como os cônjuges e em alguns casos, os filhos — repousavam naquela «terra sagrada», como a Nanny lhe chamava. Três delas eram bebés, um deles nasceu e morreu no mesmo dia. E também lá estavam alguns escravos. Embora as suas campas tivessem lápides mais pequenas e se localizassem num canto do cemitério, continuavam do lado de dentro da vedação de ferro forjado, como se também fizessem parte da família. Quando caminhava por entre as lápides e placas, inundava-me uma sensação de orgulho e curiosidade. Queria saber tudo sobre os meus antepassados. De tempos a tempos, procurava espicaçar a Nanny para ver do que se lembrava, mas tinha a sensação de que ela inventava muitas das coisas que me contava. À semelhança do que acontecia com a maior parte das famílias, estávamos a perder rapidamente o nosso passado.

Estávamos a chegar perto da casa da minha tia Claudia e do tio Jim, quando vi a Dani ao fundo do caminho de acesso. Parecia um zombie acabado de sair da floresta.

— Oh, meu Deus. — A Stacy abrandou a bicicleta. — Quem raio é aquela?

— É a minha prima — respondi, abrandando também. Não sabia bem se me apetecia falar com a Dani. — Parece que acabou de sair do cemitério, não parece? — perguntei calmamente. — Acho que deve ir só buscar o correio. — E assim que acabei de falar, a Dani olhou na nossa direção e depois abriu a caixa do correio no poste perto da estrada. Como era habitual, mantinha o ar gótico que agora a caracterizava. Apesar do calor que se fazia sentir, a Dani usava calças de ganga e uma camisola de gola alta mas sem mangas, ambas pretas. O cabelo, que antigamente

era da mesma cor castanha do que o meu, há anos que fora pintado num tom de preto absoluto. Dava-lhe pelo queixo e parecia ter sido cortado com uma faca pouco afiada. Os seus olhos eram do mesmo tom de azul invulgar que corria na nossa família, mas pintava-os com um lápis preto que esborratava propositadamente e que lhe dava um ar de quem precisava de uma boa noite de sono. Nos lábios usava um batom vermelho quase preto e tinha um *piercing* num dos lábios, decorado com uma pequena cobra de olhos vermelhos.

Tirou alguns envelopes da caixa do correio, fechou-a e ficou ali à nossa espera, por isso fomos obrigadas a parar.

Apertei os travões.

— Olá, Dani — cumprimentei, parando a bicicleta. A Stacy parou ao meu lado.

— Quem é esta? — questionou a Dani, com os olhos esborratados fixos na Stacy.

— É a minha amiga Stacy. Vai passar cá a noite. — Não ia contar-lhe do nosso plano em dormir na casa do riacho. Conhecia bem a Dani. Ia acabar por juntar alguns dos seus estranhos amigos para tentarem assustar-nos a meio da noite. A Dani tinha 17 anos e toda a vida fora uma melga para mim. Há dois anos, a tia Claudia e o tio Jim tiraram-na da escola secundária local e mandaram-na para o colégio interno Virginia Dare em High Point. Eu ficara satisfeita de a ver ir embora. Claro que agora estava em casa durante o verão. Sentia que já mal a conhecia, mas não fazia mal. — Estive a mostrar Morrison Ridge à Stacy e agora vamos para casa — comentei, para ter alguma coisa para dizer.

— Tens um cabelo radical — disse a Dani à Stacy. Vi como o cabelo grosso, liso e preto brilhante da Stacy certamente agradaria à Dani. Ainda assim, fiquei surpreendida por ela ter alguma coisa simpática para dizer a uma amiga minha. Ela sempre gostara tanto de mim como eu dela.

— Obrigada — agradeceu a Stacy.

— Vamos — chamei, começando a pedalar. — Adeus, Dani.

— Uau — referiu a Stacy quando já ninguém nos podia ouvir. — Ela é intensa.

— Ela é esquisita, é o que ela é — corrigi. — E é a única prima que resta em Morrison Ridge.

— Então, vive cá a família toda e vocês são as duas únicas miúdas?

— Exatamente.

A Stacy soltou um suspiro.

— Parece-me o paraíso — disse e voltei a ter a sensação de que a minha vida era pelo menos um pouco melhor do que a dela.

**COM A FAMÍLIA, ELA APRENDEU A CONVIVER COM AS ILUSÕES.
MAS ATÉ QUANDO CONSEGUIRÁ MANTER A MENTIRA?**

Molly Arnette tem tudo para ser feliz: um marido que adora, uma casa linda e o sonho de ser mãe quase realizado através da adoção. Ela teme, contudo, que todo o processo revele segredos do seu passado e destrua não só as suas hipóteses de finalmente ter um filho, como o seu próprio casamento.

Vinte anos antes, Molly fugira de casa, sentindo-se traída e enganada pela sua família: pela mãe adotiva que a criou, e que ela diz estar morta; pelo pai doente, que Molly adorava e cuja morte a fez «fugir» de casa; e pela própria mãe biológica, cuja presença misteriosa no seio familiar levantara tantas questões.

Determinada a enfrentar os fantasmas do seu passado e a abraçar um futuro cheio de promessas, regressa a casa. Mas à luz de revelações intensas e inesperadas, Molly apercebe-se de que, embora tenha fugido à sua família, não conseguiu fugir às ilusões por ela criadas.

**Diane Chamberlain traz-nos um livro muito bem escrito,
e repleto de suspense, sobre mentiras e a complexidade
do universo familiar.**

«A Derradeira Ilusão é um romance comovente e inesquecível.»

Booklist

Leia também outros livros emocionantes
da mesma autora:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8849-47-2



9 789898 849472

Literatura Traduzida